

O ENSINO DA ESCRITA E SUA RELAÇÃO COM A DIVERSIDADE E A MUDANÇA LINGUÍSTICA: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A AUTOBIOGRAFIA E O ANÚNCIO PUBLICITÁRIO

Nadieli Mara Hullen Gerei *
Sanimar Busse **

Resumo: Este trabalho é resultado de pesquisa sobre “Desvios de grafia em produções textuais escritas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental”. Nosso objetivo consiste em analisar os processos fonológicos a partir de produções escritas, considerando os fenômenos de variação e mudança linguística como conteúdos que reafirmam a identidade do falante diante da aprendizagem da escrita. Para a realização da pesquisa foram coletadas produções escritas do gênero textual autobiografia e anúncio publicitário. Com base nos resultados, é possível observar que as interferências da fala na escrita são uma constante nas produções, considerando que o aluno utiliza a fala como parâmetro para a atividade de escrita, que atua sobre as hipóteses a respeito da compreensão das arbitrariedades do código escrito.

Palavras-chave: Ortografia. Produções textuais. Ensino fundamental. Variação linguística.

THE TEACHING OF WRITING AND ITS RELATION WITH LINGUISTIC DIVERSITY AND CHANGE: COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN AUTOBIOGRAPHY AND COMMERCIAL ADVERTISEMENT

Abstract: This work is the result of a research about "Spelling deviations in compositions written by students in the 6th grade of elementary school". Our objective is to analyze spelling deviations in written texts, considering the phenomena of linguistic variation and linguistic change as contents that reaffirm the speaker's identity when learning how to write. To carry out this research, written texts classified as the textual genres autobiography and commercial advertisement were collected. Based on the results, it is possible to observe that interferences from spoken language into written language are constant in the compositions, considering that the student uses the speech as a parameter for writing, which acts on the hypotheses related to the understanding of the arbitrary factors in the written code.

Key words: Orthography. Written compositions. Elementary school. Linguistic variation.

Introdução

Na fase de aquisição da língua escrita, assim como em todo decorrer do aprendizado do aluno na escola, sempre se deve ter em mente que língua e fala são conceitos diferentes e cada um possui sistemas e realizações próprios, e devem ser assim considerados, individualmente, para evitar confusões, preconceitos, e que os desvios apresentados fiquem sem explicação.

Para o aprendizado da escrita ortográfica, primeiramente, é necessário saber qual o seu objeto – a língua. Neste percurso, a concepção da língua como estrutura em funcionamento aciona saberes sobre sua representação entre alunos e professores.

Dentre os desafios que se apresentam, hoje, à escola, o domínio do código escrito e a compreensão da sua estrutura colocam-se como um problema aos professores, independentemente do nível de ensino. Parte-se da perspectiva de que os alunos nas séries finais do Ensino Fundamental dominem o código escrito, restando apenas alguns conteúdos ortográficos a serem fixados. Porém, a prática de texto tem revelado que alguns desvios relacionados à fala e escrita permanecem até o Ensino Médio.

Com o objetivo de conhecermos e trabalharmos com essas dificuldades ortográficas desenvolvemos esta pesquisa, cujo tema é a análise e o estudo dos desvios de grafia em produções textuais escritas de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, em um colégio estadual do município de Cascavel/Paraná, campo das atividades de docência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Subprojeto de Língua Portuguesa, financiado pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES).

Os objetivos da pesquisa consistem em compreender as regularidades e as irregularidades ortográficas da língua portuguesa, para reconhecer as representações grafemáticas de uma mesma unidade sonora e identificar as principais características e elementos do gênero anúncio publicitário. Para alcançar os objetivos analisamos as características do gênero anúncio publicitário, a partir de atividades, como banco de palavras e glossários, produzimos regras a respeito do uso de determinadas letras para representar um som; organizamos palavras em grupos, conforme as suas semelhanças; listamos de palavras utilizando alguma semelhança entre estas; realizamos atividades de escrita e promover a escrita espontânea.

Não podemos, no entanto, nos esquecer de que o trabalho com a escrita ortográfica deve ser palco de estudo durante toda a trajetória do aluno na escola, pois, segundo as Diretrizes Curriculares para a Educação/DCE, o domínio da escrita não deve ser pensado como “dádiva” de alguns, pois isto significa distanciá-la dos alunos (PARANÁ, 2008, p. 68). Além disso, o documento defende que o trabalho com a escrita deve ser feito tendo como base textos comuns do cotidiano dos alunos, sendo este aprendizado visto como enriquecedor do vocabulário e do aprendizado dos alunos.

Apresentamos neste artigo um recorte da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Mestrado, sobre os processos fonológicos em escritas de alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental. Pretendemos analisar a

recorrência de processos fonológicos em produções autobiográficas e anúncios publicitários. Os gêneros textuais foram eleitos para a pesquisa pois apresentam dimensões interacionais diferentes. Na autobiografia observa-se o ritmo narrativo, com relatos e descrições de fatos, o que poderia evocar um estilo mais espontâneo. Enquanto no anúncio publicitário pode haver um comportamento mais monitorado, na elaboração e reelaboração do texto, considerando o perfil persuasivo do gênero.

Escrita e variação linguística

Na escola, onde as diferenças se encontram e se projetam, tanto na fala quanto na escrita, para Bortoni-Ricardo (2010), o aluno precisa entender que o processo de leitura e escrita vai muito além da compreensão do princípio alfabético, da relação fonema-grafema, pois requer uma experiência com a língua escrita que o leve a entender a organização do sistema.

Partindo da concepção de língua como fenômeno variável, Cagliari (1994) defende que, com uma análise mais atenta, percebe-se que os desvios que a criança comete na escrita não são aleatórios, mas possuem sentido; é a referência na fala que a guia. O autor ainda afirma que o aluno se baseia na forma fonética, e não na ortográfica, sendo seu desvio, por vezes, incompreendido; aos olhos de um foneticista, sua escrita seria plausível, correta.

Gagné (2002) destaca que a língua é:

[...] constituída de um conjunto de variações, cujo funcionamento é preciso conhecer para explicar na intercompreensão que se realiza, apesar dessas variações. É necessário igualmente saber para que serve a língua, a fim de determinar para que ensiná-la. (GAGNÉ, 2002, p. 165).

É preciso considerar também que “a língua não é um fim em si, mas um meio privilegiado de atingir fins mais essenciais para o homem e a humanidade” (GAGNÉ, 2002, p. 185). Foi com essa concepção extremamente complexa, mutável, heterogênea e significativa de língua que realizamos nossa pesquisa, percebendo que é necessário compreender os motivos que levam o aluno a optar por determinadas formas na hora da representação gráfica das palavras.

Ao optar por algumas formas e não outras, a criança está fazendo tentativas de possíveis adequações que tornem a sua escrita o mais próximo da fala adulta, sendo

esta a sua única referência. Essas tentativas caracterizam o que se chama de processos fonológicos, os quais são utilizados para facilitar a produção de determinados sons. Segundo Stampe (1973),

Um processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala, no lugar de uma classe de sons ou de uma sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém, desprovida da propriedade difícil. (STAMPE, 1973 *apud* OTHERO, 2005, p. 3).

Outra explicação para os processos fonológicos encontramos em Cagliari (2002), quando descreve que “as alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas por regras que caracterizam processos fonológicos.” (CAGLIARI, 2002, p. 99). Compreende-se, então, que a criança faz com que determinado som ganhe novos traços distintivos, tornando-o semelhante ao som que ainda não articulou à sua fala. Dessa forma, é necessário que a consciência fonológica seja desenvolvida e que esses sons se tornem próximos das crianças para que sejam incorporados em sua consciência.

Os processos fonológicos acontecem devido a múltiplos fatores, sendo os principais as marcas da fala. No entanto, os processos fonológicos não acontecem apenas pela interferência da fala; é preciso considerar que este é um processo natural pelo qual a criança passa, pois ainda está desenvolvendo a sua consciência fonológica e adquirindo a escrita. Estas fases são inerentes à criança durante a aquisição da escrita e estarão presentes nesse processo.

É a escola o ambiente propício, segundo Bagno (2007), para a formação de uma reeducação sociolinguística. Isso porque, segundo o autor, a língua é “um poderoso instrumento de controle social” (BAGNO, 2007, p. 83), capaz de manter ou excluir dos meios sociais. Ensinar os alunos sobre esse aspecto da língua é fundamental, pois os alunos precisam, primeiro, conhecer os contextos de atuação, para, então, usá-la conforme necessário.

Neste sentido, Gagné (2002) afirma que o ensino da escrita na escola pode ser classificado em duas vertentes principais: centrado no código ou centrado no uso. O ensino centrado no código tem como base principal a Gramática Tradicional, que não só não apresenta resultados efetivos de aprendizagem, como também conduz os alunos para uma língua idealizada, purista e desconhecida, não incentivando o que

deveria ser o objetivo central da Língua Portuguesa: a atividade e a competência linguística da criança (GAGNÉ, 2002).

Por outro lado, quando há uma pedagogia de ensino centrada no uso, esta

Admite o caráter arbitrário de todo código linguístico e a coexistência das variedades de uso. Considera que essas variedades são aceitáveis em função das circunstâncias geográficas, culturais e sociais diferentes, bem como em função das diversas situações de comunicação. (GAGNÉ, 2002, p. 206).

Nesta pedagogia, mais importante do que apenas conhecer o código linguístico, a criança deve aprender a usá-lo, a se comunicar com ele, considerando os diferentes contextos. De acordo com Gagné (2002), o objetivo maior das aulas de Língua Portuguesa é, além da alfabetização, “a transmissão dos valores, da herança cultural e dos conhecimentos.” (GAGNÉ, 2002, p. 212). Para alcançar este objetivo, segundo o autor, é necessária uma metodologia que prepare os alunos, de forma eficaz, para diferentes tipos de comunicação; sabemos que, para atingi-lo, será necessário o ensino de uma norma-padrão ou de uma língua mais formal, que tenha, tão claro quanto o ensino do código, as intenções para seu uso.

É possível preparar os alunos para diferentes situações de comunicação, pois, segundo Gagné (2002), os falantes possuem um repertório linguístico ativo e um passivo, sendo este último muito maior do que o primeiro. Isso significa dizer que conhecemos um número maior de palavras do que usamos, e a responsabilidade do professor em sala de aula é a de expandir esse repertório, além de preparar os alunos para utilizá-lo enquanto cidadãos. É preciso ter em mente e explicar aos alunos que é por isso que, mesmo quando não utilizamos determinada variante ou determinado léxico, ainda assim compreendemos uns aos outros, principalmente em contextos orais.

Para efetivar o avanço no repertório dos alunos, Gagné (2002) e Bortoni-Ricardo (2006) afirmam que devemos ensinar os alunos a respeito da monitoração da fala, ou seja, o grau de atenção que damos à forma de nos comunicarmos varia de acordo com a situação social. Para Gagné (2002), é necessário ensinar que

A utilização pelo mesmo falante de uma variante em vez de outra depende decerto de vários fatores como o estado psicossomático do falante, o assunto de que fala, sua relação com o interlocutor [...] a escolha depende da situação de comunicação em que o falante se acha e, é claro, da percepção que tem dela. (GAGNÉ, 2002, p. 170).

Para Bortoni-Ricardo (2006), o grau de planejamento da fala depende de fatores como:

[...] a acomodação do falante a seu interlocutor, o apoio contextual na produção de enunciados, a complexidade cognitiva envolvida na produção linguística e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida. (BORTONI-RICARDO, 2006, p. 41).

Ou seja, o falante sabe que diferentes comportamentos linguísticos são esperados, conforme vários fatores sociais definidos pela sociedade como menos ou mais formais. Para Le Page (1980), um falante cria suas regras linguísticas de modo a aproximar-se dos membros do grupo com o qual deseja identificar-se, no momento da enunciação de cada ato de fala (LE PAGE, 1980 *apud* BORTONI-RICARDO, 2006, p. 96). Porém, a escola, muitas vezes, acaba por não promover esse uso real e necessário da língua, mas, conforme aponta Bagno (2013), comete várias falhas no tratamento da variação linguística, sendo tratada de modo equivocado, confuso, superficial, não procurando preparar o aluno para a complexa realidade da língua em uso (BAGNO, 2013).

O primeiro erro apontado pelo pesquisador é a confusão que se faz com o termo “norma-padrão” e sua falsa igualdade com “norma culta”. Para o autor, norma-padrão não é uma variedade, porque esse termo pressupõe falantes, o que de fato não ocorre (BAGNO, 2013, p. 61). Além disso, norma culta não se pode confundir com norma-padrão, porque enquanto a primeira se refere aos usos linguísticos de falantes mais letrados em situações de maior monitoramento, a segunda é uma prescrição de uso, não pautada em um falante real.

Segundo o professor, norma-padrão é um modelo ideal de língua correta, que merece ser estudado enquanto patrimônio social e histórico, mas não como manual a ser adotado e seguido pela sociedade. A norma-padrão é um constructo social (BAGNO, 2013).

Outros desvios de ortografia levantados pelo pesquisador quando se trata da variação linguística são: a desconsideração da variedade estilística, como se todos os usuários usassem sempre a mesma variedade, independente do contexto, que sabemos poder elevar ou diminuir o grau de monitoramento. O conceito de variação linguística relacionado sempre e apenas a moradores do interior do país, analfabetos

ou com pouca escolarização e pertencentes a uma classe econômica baixa. Ora, todos somos falantes de uma variante, qualquer que seja, e algumas marcas, como a perda do infinitivo (“ficá”, “sentá”), são comuns a praticamente todas em situações de baixo monitoramento linguístico.

Além desses problemas, o modelo da escrita como um ideal é outro apontado por Bagno (2013), pois, como afirma, “existe fala espontânea e escrita espontânea, como também existe fala formal e escrita formal” (BAGNO, 2013, p. 89). Ademais, a concepção de que só o padrão tem regras pressupõe que as variedades linguísticas são desorganizadas e de que há um “vale tudo”, o que sabemos não ser verdade.

Ainda, o autor condena as atividades, muitas vezes pedidas, de que os alunos “passem para a norma culta/padrão” alguns trechos de fala, pois sabemos que algumas estruturas são comuns à língua falada em contextos menos monitorados e que isso não é um desvio, mas, sim, algo esperado em uma língua viva, que muda a todo instante.

Na escola, o papel dos professores é, segundo Bagno (2007), ensinar que as variedades são possíveis na língua e que o convívio entre elas também é possível, desde que os alunos conheçam os usos que se pode fazer de cada uma; é necessário mostrar também que é preciso que haja respeito por todas elas, desenvolvendo sempre, nas palavras do autor, “[...] consciência, compreensão e tolerância.” (BAGNO, 2007, p. 157). Além disso, no recorte de materiais a serem trabalhados em sala de aula, sempre se deve trazer materiais que abordem variedades linguísticas autênticas, possíveis de ocorrer, e não forçadas.

Vale ressaltar, para nós e para os alunos, que, às vezes, ao lermos gramáticas, temos a impressão de que a língua já mudou tudo que tinha para mudar e que agora seguirá estancado. Porém, prova de que isso não é verdade é o Acordo Ortográfico, aprovado em 2009, que sabemos ter alterado a grafia de algumas palavras e que, ainda assim, temos ciência de que ele não apresentou muitas outras mudanças pelas quais passou a língua portuguesa no Brasil nos últimos anos.

Essas mudanças todas têm uma razão de ser, e, conforme destaca Bagno (2007), geralmente partem da geração mais jovem e da classe econômica média baixa, para, posteriormente, serem adotadas pela classe média alta e alta, perdendo, então, o *status* de desvio, e começarem a ser usadas sem problemas, devido aos seus falantes. Outro aspecto que vale ressaltar é que a mudança é impulsionada da

fala para a escrita, pois, embora as mudanças sejam mais lentas na escrita, esta última é tão heterogênea quanto a primeira (BAGNO, 2007, p. 184).

Roteiro e procedimentos para coleta dos dados

A pesquisa se situa na Linguística Aplicada e nos estudos da Sociologia da Linguagem, pois pretendemos trabalhar com as dificuldades ortográficas encontradas em textos de alunos, procurando entender sua natureza, além de perceber que caminhos os alunos seguem para desenvolver o código escrito, pensando se há diferenças de frequência ou de tipo de desvios de grafia. Além disso, pretendemos encontrar uma maneira, por meio de atividades específicas, de diminuí-los.

Para Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa interpretativista engloba a pesquisa de base etnográfica, que é aquela desenvolvida em um contexto específico, embora hoje ela não seja conduzida por um longo tempo, como era antigamente.

A pesquisa de base etnográfica é, para a pesquisadora, como a visão do indivíduo novo sobre um ambiente já estável e rotineiro para os atores participantes; ele percebe os problemas e estuda uma forma de resolvê-los. Pode iniciar com a elaboração de perguntas e com a reflexão sobre a importância do seu problema de pesquisa. Em seguida, o pesquisador pode partir para a coleta e análise dos dados, que por vezes coincide com as consultas, anotações e percepções teóricas sobre o objeto estudado.

A coleta das produções escritas do gênero autobiografia e anúncio publicitário foi realizada em um colégio estadual do município de Cascavel/Paraná, campo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Subprojeto de Língua Portuguesa. O recorte de escolaridade para a pesquisa foi o 6º ano, pois prevê-se que, nesta fase, o aluno já tenha superado a etapa de testagem de hipóteses sobre a organização da escrita e tenha desenvolvido a consciência e a percepção sobre a fala e a escrita.

Por meio de coleta inicial de dados, feita em 2015, do gênero autobiografia, elaboramos uma tabela apresentando os desvios de acordo com sua natureza: relacionados à fala, como processos fonológicos e consciência fonológica, e relacionados à arbitrariedade do sistema, como as questões ortográficas.

Na sequência, desenvolvemos uma unidade didática, com carga horária de 8h, cujos conteúdos eram ortografia e produção textual. Os conteúdos estruturantes

eram análise linguística e ortografia. Como conteúdos específicos, trabalhamos o gênero textual anúncio publicitário, a representação grafemática das sibilantes surdas e sonoras /s/ e /z/; /g/ e /j/; /x/ e /ch/ e a conjugação de verbos no pretérito na 3ª pessoa do plural /am/ e no futuro do indicativo na 3ª pessoa do plural /ão/.

Durante a aplicação da unidade didática, realizamos a segunda coleta de textos, desta vez do gênero anúncio publicitário. Os desvios foram categorizados de acordo com os gêneros textuais autobiografia e anúncio publicitário, e de acordo com a natureza das ocorrências: registros da sibilante dental surda e da nasal ou processos fonológicos.

Para realizar a análise dos dados, adotamos a categoria estabelecida por Bortoni-Ricardo (2006). Segundo a autora, é essencial no trabalho com a variação linguística que as análises e diagnoses de desvios sejam feitas de acordo com categorias claras e sistemáticas. Isso é necessário para que a avaliação do professor e do pesquisador não fique subjetiva ou excessivamente interpretativa. Ao realizar suas pesquisas, a autora segue alguns critérios de análise, postulados de acordo com a categoria do problema, que se configuram da seguinte forma:

Quadro 01: Categorização dos desvios de grafia segundo sua natureza.

1) Desvios decorrentes da própria natureza arbitrária da língua.		
2) Desvios decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita, que englobam:		
2.1) Desvios decorrentes da interferência de regras fonológicas no falar estudado.	2.2) Desvios decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais.	2.3) Desvios decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas.

Fonte: Bortoni-Ricardo (2006, p. 54).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2006), no primeiro caso estão os desvios que são resultado do pouco conhecimento sobre as convenções que regem a língua escrita, pois há fonemas que possuem mais de uma representação ortográfica. Há também o fenômeno inverso, isto é, letras que representam mais de um fonema.

Nesta primeira categoria, estão os desvios decorrentes da própria natureza arbitrária da língua, que acontecem independentemente da região geográfica, classe social e faixa etária.

Na segunda categoria, encontram-se desvios decorrentes da transposição de hábitos da fala para a escrita. Há diversos fatores que podem motivar seu

aparecimento, tanto linguísticos - posição da sílaba em relação à sílaba tônica, a classe gramatical, entre outros, como extralinguísticos - classe social, faixa etária, localização geográfica, rural x urbano, entre outros. Apresentaremos a seguir as subcategorias defendidas pela autora.

Na categoria dos registros decorrentes da interferência de regras fonológicas, Bortoni-Ricardo (2006) apresenta os vocábulos fonológicos constituídos de duas ou mais formas livres ou dependentes – juntura. O fenômeno inverso – a segmentação, também se enquadra nessa classificação. O contexto de juntura e segmentação é favorecido pela proximidade entre a vogal final de uma palavra e vogal idêntica ou foneticamente próxima à palavra seguinte.

Na próxima subcategoria definida pela autora, a dos desvios decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais, estão a despalatalização das sonorantes palatais (milho>mio), a monotongação de ditongos decrescentes (peixe>pexe; caixa>caxa), a desnasalização das vogais átonas finais (homem>homi), a assimilação e degeminação do /nd/ (cantando>cantano) e a queda do /r/ final nas formas verbais (vender>vendê).

Para a última subcategoria, a dos desvios decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas, Bortoni-Ricardo (2006) apresenta como exemplos a semivocalização do /lh/ (trabalhar>trabaiá), a epítese do /i/ após sílaba final travada (paz>pazi), a troca do /r/ pelo /l/, a monotongação do ditongo nasal em “muito” (munto), a supressão do ditongo crescente em sílaba final (veio>vei), a simplificação dos grupos consonantais no aclave da sílaba com a supressão da segunda consoante (dentro>dentu) e a ocorrência de metátese no vocábulo “satisfeito” (sastifeito).

À categorização de Bortoni-Ricardo (2006), acrescentamos a hipercorreção. A hipercorreção caracteriza-se pela generalização das regras para todas as palavras, independente do contexto, quando o aluno ainda não domina perfeitamente o código linguístico e suas arbitrariedades.

Escrita e fala: o que revelam os dados

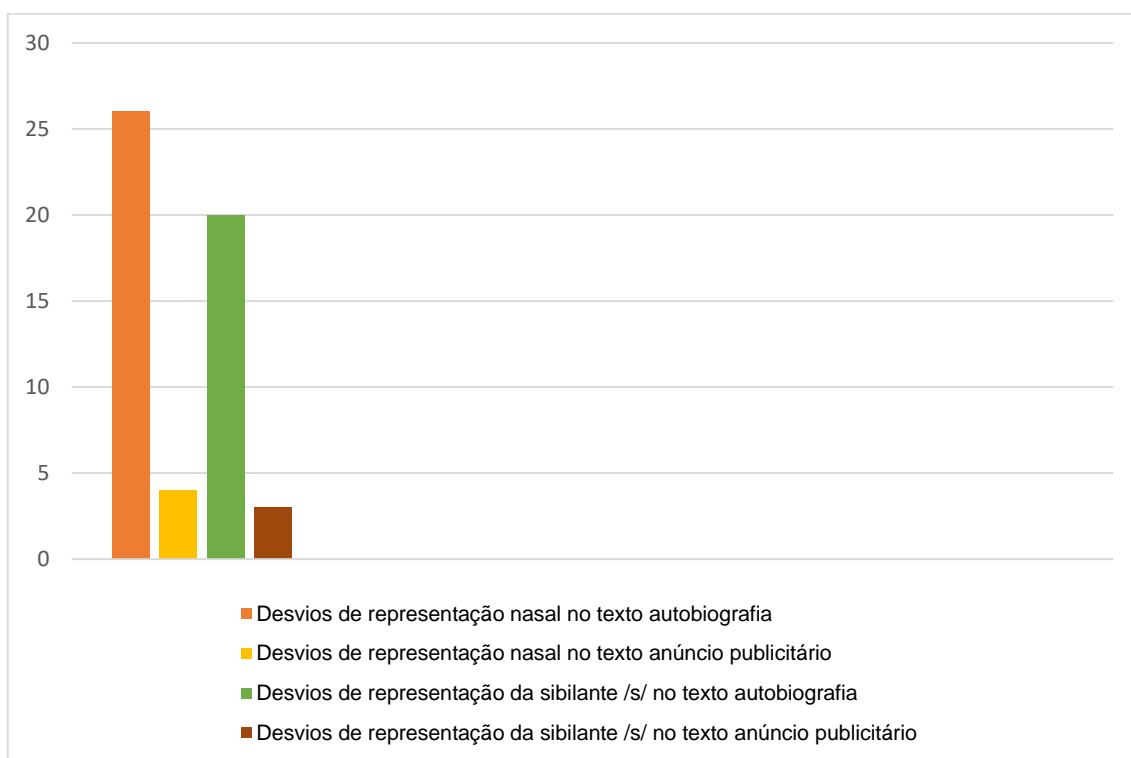
Apresentamos nesta seção do texto uma análise prévia dos dados a partir das ocorrências em cada gênero textual. Tomamos a autobiografia e o anúncio publicitário como variável para a análise dos processos fonológicos.

A produção da autobiografia levou os alunos a estabelecerem roteiros mais narrativos, em forma de relatos de fatos e experiências. Como o gênero evoca uma dimensão mais subjetiva, observamos se os desvios de escrita apresentavam mais registros de processos fonológicos.

O anúncio publicitário inseriu os alunos em outro ambiente de produção. Houve leitura de outros anúncios. Na elaboração dos textos aconteceram revisões, considerando o produto e o objetivo de anunciá-lo. No processo de revisão os desvios podem representar registros da arbitrariedade do sistema.

A seguir, apresentaremos, por meio de gráficos, os desvios encontrados na autobiografia e no anúncio publicitário, de forma comparativa, para que vejamos em que medida o trabalho com a Unidade Didática auxiliou na redução dos desvios encontrados na primeira produção, a autobiografia.

Gráfico 01: Registros da sibilante dental surda e da nasal em autobiografias e anúncios publicitários

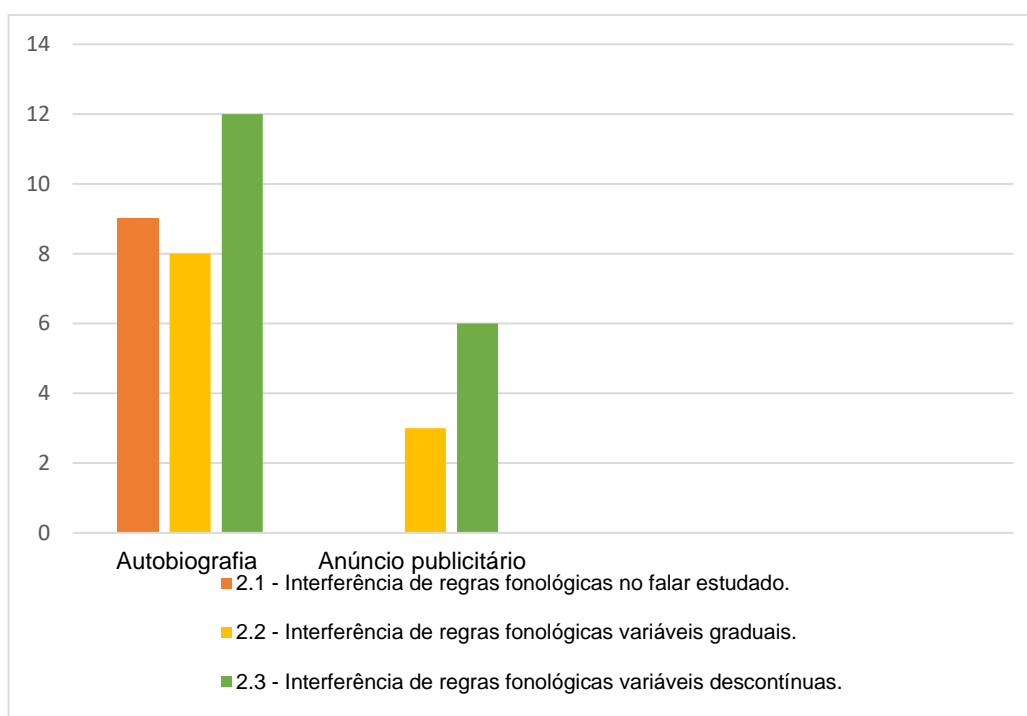


Por meio deste gráfico, podemos observar que os desvios de grafia, tanto de representação nasal, quanto de representação da sibilante, tiveram uma significativa diminuição de ocorrências do texto autobiografia para o texto anúncio publicitário. Na categoria desvios de representação nasal, tivemos uma diminuição de 26 para 4

ocorrências. Na categoria desvios de representação da sibilante /s/, tivemos uma diminuição de 20 para 3 ocorrências.

A seguir, apresentamos os dados referentes aos processos fonológicos, nas autobiografias e nos anúncios publicitários.

Gráfico 02: Processos fonológicos em autobiografias e anúncios publicitários



Por meio dos dados, podemos perceber que os registros dos processos fonológicos diminuíram em relação ao texto coletado anteriormente, a autobiografia. Na categoria interferência de regras fonológicas no falar estudado, tivemos uma diminuição de 9 para 0 ocorrências. Na categoria interferência de regras fonológicas variáveis graduais, tivemos uma diminuição de 8 para 3 ocorrências. Na categoria interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas, tivemos uma diminuição de 12 para 6 ocorrências.

Sabemos que os textos do gênero anúncio publicitário são menores, mas acreditamos, por perceber uma redução principalmente nos casos de arbitrariedade da língua, que era nosso foco de trabalho, que a Unidade Didática desenvolvida e aplicada por nós ajudou, de alguma maneira, com que os desvios nas produções textuais diminuíssem, pois focalizamos os aspectos de grafia, além da interpretação e compreensão de texto.

Além disso, os alunos compreenderam a função do gênero anúncio publicitário, procurando fazer anúncios atrativos e coloridos, combinando texto e imagem, e escrevendo frases curtas e positivas a respeito do produto. Muitos alunos também procuraram despertar a necessidade do consumidor, em frases como “você vai ficar ótimo com ele”, “você vai atrair garotas”, entre outros.

Queremos destacar a produção de uma aluna. Ela criou um anúncio com a seguinte mensagem: “*Minha professora tomou **tirol** e **tirou** minha nota. Falta de atenção!!*”.

Ao fazer esse jogo com as palavras “Tirol” e “tirou”, a aluna demonstra perceber que uma única letra pode trazer significados completamente diferentes, mesmo que as palavras pertençam a distintas categorias gramaticais. Consideramos que os objetivos traçados foram alcançados, pois os alunos conseguiram, mesmo sem ser solicitado, brincar com as palavras e regras da Língua Portuguesa.

Considerações finais

Observando os dados coletados, podemos observar que nossos objetivos foram atingidos, pois pretendíamos levar os alunos a compreenderem as regularidades e as irregularidades ortográficas da língua portuguesa; a reconhecerem as representações grafemáticas de uma mesma unidade sonora e a identificarem as principais características e elementos do gênero anúncio publicitário. Tais objetivos, conforme os gráficos revelam, foram alcançados, considerando que na maioria das categorias tivemos diminuição ou até eliminação da ocorrência.

Assim, concluímos que um trabalho, como o que foi realizado, é necessário e possível, pois, com sistematização e retomada das regras, os alunos compreenderam de forma mais completa as irregularidades do código. Consideramos, ainda, que há limites neste trabalho, levando em conta o tempo destinado para a realização do Mestrado. Investigações mais sistemáticas são, sem dúvida, necessárias.

NOTAS

* Nadieli Mara Hullen Gerei é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: nadielimara@hotmail.com

** Sanimar Busse é professora doutora do Curso de Graduação em Letras Português Inglês/Espanhol/Italiano e dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado e

Doutorado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: sani_mar@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos**: a variação linguística no ensino do português. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: Introdução à pesquisa qualitativa. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Nós chegemu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2006.

BUSSE, Sanimar; SELLA, Poliana; BUDKE, Ariane Bonnes. Língua portuguesa, diversidade e ensino: a aquisição da escrita em contextos multilíngues. In: Teresinha da Conceição Costa-Hübes / Douglas Corrêa da Rosa (Org). **A pesquisa na educação básica**: um olhar para a leitura, a escrita e os gêneros discursivos na sala de aula. Campinas/SP: Editora Pontes, 2015, p. 153-177.

BUSSE, Sanimar. Variação linguística e o ensino: os desafios do ensino da língua portuguesa. In: Teresinha da Conceição Costa-Hübes. (Org.). **Práticas sociais de linguagem**: reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 25-42.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e ortografia. **Educar em Revista**, Curitiba, vol. 20, n. 1, p. 43-58, jul./dez. 2002.

_____. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1994.

GAGNÉ, Gilles. A norma e o ensino da língua materna. In: BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002. p. 163-243.

HULLEN, Nadieli Mara; BUSSE, Sanimar. Fala e Escrita: o trabalho com a Fonética e a Fonologia em sala de aula. In: Sanimar Busse. (Org.). **A docência em construção**: caderno pedagógico. Porto Alegre: EVANGRAF, 2016, p. 83-102.

OTHERO, Gabriel de Ávila. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. **ReVEL**, v. 3, n. 5, p. 01-13, ago. 2005.

Recebido em: agosto de 2017

Aprovado em: dezembro de 2017.